

IAN MCEWAN

Amor sem fim

Tradução
Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1991 by Ian McEwan

Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Enduring love

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Imagem de capa

Vista de um balão sendo inflado

Stacy Gold/ Getty Images. Quebec, Canadá, s/d

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

McEwan, Ian

Amor sem fim / Ian McEwan ; tradução Jorio Dauster. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Enduring love.

ISBN 978-85-359-1835-9

1. Ficção inglesa I. Título.

11-01100

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Annalena

1.

É fácil precisar como começou. Fazia sol, mas estávamos debaixo de um carvalho que nos protegia parcialmente das fortes lufadas de vento. Ajoelhado na grama, eu segurava um saca-rolhas enquanto Clarissa me passava a garrafa — um Daumas Gassac de 1987. Esse foi o momento, naquele exato instante foi espetado o alfinete no mapa do tempo: estendi o braço e, quando o gargalo frio e o invólucro metalizado tocaram a palma da minha mão, ouvimos um homem gritar. Voltamo-nos para o outro lado do campo e vimos o perigo. Ato contínuo, comecei a correr em sua direção. A transformação foi total: não me lembro de deixar cair o saca-rolhas, de me pôr de pé, de tomar alguma decisão e nem mesmo de ouvir as palavras de cautela lançadas por Clarissa em meu encalço. Que idiotice, correr para essa história e seus labirintos deixando para trás nossa felicidade no relvado primaveril sob um carvalho frondoso! Ouviu-se outro grito de homem e logo depois o de uma criança, enfraquecido pelo vento que rugia nas altas árvores ao longo das cercas vivas. Acelerei. E de repente reparei que, de pontos diferentes do campo,

quatro outros homens convergiam para o local, todos correndo como eu.

Vejo-nos de uma altura de aproximadamente cem metros pelos olhos do falcão que pouco antes havíamos observado disparando para o alto, dando algumas voltas e descendo como uma flecha no turbilhão das correntes de ar: cinco homens correndo em silêncio rumo ao centro de um campo de uns quarenta hectares. Eu vinha do sudeste, com o vento atrás de mim. Cerca de duzentos metros à minha esquerda, dois homens corriam lado a lado. Eram trabalhadores rurais que consertavam a cerca no sul do campo, onde passa a estrada. A igual distância vinha John Logan, cujo carro estava estacionado no acostamento gramado com a porta escancarada, ou com as portas escancaradas. Sabendo o que sei agora, é estranho evocar a figura de Jed Parry diretamente na minha frente, surgindo de um renque de faias do outro lado do campo, a uns quatrocentos metros de distância, e correndo contra o vento. Para o falcão, Parry e eu, com nossas camisas brancas brilhando contra o fundo verde, éramos figuras diminutas que corriam um para o outro como amantes, desconhecendo o sofrimento que esse encontro iria causar. O envolvimento que nos tiraria dos eixos estava para acontecer dali a alguns minutos, mas sua enormidade era ocultada pela barreira do tempo e pelo colosso no centro do campo, cujo fabuloso poder de atração tornava insignificantes as angústias humanas a seu redor.

Que fazia Clarissa? Ela disse que tinha caminhado rapidamente para o centro do campo. Não sei como resistiu à compulsão de correr. Quando a coisa aconteceu — o fato que estou prestes a narrar, a queda —, ela havia quase nos alcançado e estava bem situada para observar tudo sem os estorvos da participação direta, das cordas e dos gritos, de nossa falta de cooperação fatal. Minha descrição se baseia também no que Clarissa viu,

no que nos dissemos durante as obsessivas recapitulações que se seguiram: as consequências, o que aconteceu num campo que aguardava a ceifa do início do verão. Sim, as consequências, a segunda colheita, o crescimento resultante daquele primeiro corte feito em maio.

Estou me detendo, retardando a informação. Deixo-me ficar no momento anterior porque, então, outros resultados ainda eram possíveis; quando vista da perspectiva do falcão, a convergência de seis figuras num espaço plano e verde oferece uma geometria confortadora, as limitações bem conhecidas da mesa de sinuca. As condições iniciais, a força e a direção em que ela é aplicada, definem todas as trajetórias subsequentes, todos os ângulos de colisão e repique, ao mesmo tempo em que as luzes de cima inundam com uma claridade reconfortante o campo, o feltro e todos os corpos que nele se movem. Enquanto ainda convergíamos sem fazer contato, nos encontrávamos num estado de graça matemático. Demoro-me na contemplação de nossas posições, das distâncias e dos pontos cardeais porque, no que tangue aos acontecimentos que vieram depois, essa foi a última vez que entendi alguma coisa claramente.

Corríamos em direção a quê? Creio que nenhum de nós jamais o soube por completo. Superficialmente, para um balão. Não o espaço que contém a fala ou o pensamento dos personagens de uma história em quadrinhos, ou, por analogia, o tipo que necessita apenas de ar quente para subir. Tratava-se de um enorme balão cheio de hélio, esse gás nobre forjado do hidrogênio nas fornalhas nucleares das estrelas, primeiro passo na cadeia de geração das múltiplas e variadas formas de matéria no universo, inclusive nós próprios e todas as nossas elucubrações.

Corríamos em direção a uma catástrofe, em si mesma um tipo de fornalha cujo calor iria deformar identidades e destinos. Na base do balão, havia uma cesta com um menino dentro e, ao

lado dela, agarrando-se por uma amarra, um homem necessitado de ajuda.

Mesmo sem o balão, o dia seria memorável, mas de forma prazerosa, porque marcava nosso reencontro após uma separação de seis semanas, a mais longa que eu e Clarissa havíamos enfrentado nos sete anos de vida em comum. A caminho do aeroporto de Heathrow, eu havia feito um desvio até Covent Garden e encontrara um lugar mais ou menos permitido para estacionar perto do restaurante Carluccio. Lá comprei o material para o piquenique, cuja peça principal era uma grande bola de mozzarella que o vendedor pescou de um tonel de barro com uma garra de madeira. Comprei também azeitonas pretas, salada mista e focaccia. Subi então correndo a Long Acre até a livraria Bertram Rota para recolher o presente de aniversário de Clarissa. Fora o apartamento e nosso carro, nunca comprei nada mais caro na vida. A raridade daquele livrinho parecia irradiar um calor que eu sentia através do grosso papel de embrulho pardo ao caminhar de volta pela rua.

Quarenta minutos depois eu esquadrinhava os painéis com as informações sobre chegadas. Como o voo de Boston acabara de aterrissar, calculei que teria de esperar meia hora. Se alguém quisesse comprovar a afirmação de Darwin de que as manifestações de emoção nos seres humanos têm caráter universal, correspondendo a uma imposição genética, basta passar alguns minutos no portão de chegada do Terminal 4 de Heathrow. Lá eu vi a mesma alegria, o mesmo riso incontrolável, nos rostos de uma matrona nigeriana, de uma avó escocesa de lábios finos, e de um homem de negócios japonês, pálido e formal, ao saírem com seus carrinhos de bagagem e reconhecerem uma face amiga na multidão à espera. Se a observação da variedade humana

pode dar prazer, isso também se aplica às semelhanças. Ouvi várias vezes os mesmos suspiros com entonações cadentes, frequentemente envolvendo um nome no momento em que duas pessoas abriam caminho para se abraçarem. Seria uma segunda em tom maior ou uma terceira em tom menor, ou algo intermediário? Pa-pai! Yolan-ta! Ro-bi! Nz-e! Havia também uma nota ascendente, cantada diante dos rostos solenes e cautelosos de bebês por pais ou avós ausentes por muito tempo, provocando, implorando uma reação amorosa imediata. Hann-ah? Tom-ii? Deixe-me entrar!

A variedade era visível nos dramas íntimos: um pai e um filho adolescente, talvez turcos, abraçaram-se em silêncio por longo tempo, perdoando-se mutuamente ou lamentando uma perda, sem atentar para os carrinhos de bagagem bloqueados por eles; irmãs gêmeas cinquentonas cumprimentaram-se com evidente desprazer, um mero toque de mãos e um beijo à distância; um garotinho americano, erguido aos ombros de um pai que ele não reconheceu, gritou para ser posto no chão, provocando um ataque de nervos em sua mãe cansada.

No entanto, como predominavam os sorrisos e abraços, em trinta e cinco minutos assisti a mais de cinquenta finais felizes teatrais, cada qual dando a impressão de ter atores ligeiramente inferiores aos do anterior, até que comecei a me sentir emocionalmente exausto e suspeitei que mesmo as crianças estavam sendo insinceras. Quando me perguntei se eu próprio seria convincente ao receber Clarissa, ela me tocou no ombro por trás, tendo dado a volta ao não me localizar na multidão. Imediatamente meu afastamento emocional se desfez e pronunciei seu nome no mesmo diapasão de todos os demais.

Menos de uma hora depois, paramos junto à trilha que atravessa os bosques de faias nas colinas de Chiltern, perto da cidadezinha de Christmas Common. Enquanto Clarissa trocava

de sapatos, transferi o piquenique para uma mochila. Partimos de braço dado, ainda extasiados com o reencontro. O que era familiar nela — o tamanho e o toque de sua mão, o calor e a tranquilidade de sua voz, a pele pálida e os olhos verdes típicos dos celtas — também era novo sob o brilho de uma luz insólita, trazendo-me à lembrança os primeiros encontros e os meses que levamos consolidando nossa paixão. Ou, imaginei, eu era outro homem, meu rival sexual, que tinha vindo roubá-la de mim. Quando lhe contei isso, ela riu e disse que eu era o boboca mais complicado do mundo. Ao pararmos para nos beijar, nos perguntando se não teria sido melhor seguir direto para casa e para a cama, entrevimos através das folhas novas o balão de hélio que, a oeste, flutuava sonhadoramente acima do vale coberto de florestas. Nem o homem nem o menino eram visíveis para nós. Lembro-me de haver pensado, sem o dizer a Clarissa, que aquele era um meio de transporte precário quando o vento, e não o piloto, ditava o rumo. Então me ocorreu que talvez essa fosse a verdadeira atração para o balonista, e instantaneamente esqueci o assunto.

Atravessamos a College Wood na direção de Pishill, parando para apreciar a folhagem nova nas faias. Cada folha parecia brilhar com uma luz vinda do interior. Falamos sobre a pureza da cor da folha de faia na primavera, e como era uma higiene mental contemplá-la. Ao penetrarmos no bosque, o vento ficou mais forte e os galhos rangiam como máquinas enferrujadas. Conhecíamos bem o caminho. Aquela era sem dúvida a mais bonita paisagem a uma hora do centro de Londres. Eu adorava o ondulado dos campos, com suas manchas de argila e sílex, e as veredas que mergulhavam nos escuros renques de faias e nos vales sem trato e mal drenados; ali, musgos espessos e iridescentes cobriam os troncos apodrecidos e vez por outra se vislumbrava um veadinho abrindo caminho na vegetação rasteira.

Enquanto seguíamos no rumo oeste, conversamos quase o tempo todo sobre a pesquisa de Clarissa — os últimos dias de John Keats em Roma na casa ao pé da Escadaria de Espanha, onde se hospedara com o amigo Joseph Severn. Seria possível que ainda existissem três ou quatro cartas inéditas de Keats? Seria uma delas dirigida a Fanny Brawne? Clarissa tinha razões para crer que sim e passara parte de seu semestre sabático viajando pela Espanha e por Portugal para visitar as casas frequentadas por Fanny Brawne e a irmã de Keats, também chamada Fanny. Ela acabara de voltar de Boston, onde tinha trabalhado na Biblioteca Houghton, da Universidade Harvard, tentando localizar a correspondência entre Severn e seus familiares distantes. A última carta conhecida de Keats foi escrita quase três meses antes de sua morte para o velho amigo Charles Brown. O tom é muito cerimonioso e, coisa típica do autor, a carta contém de passagem, quase como um parêntese, uma brilhante descrição da criação artística — “o conhecimento do contraste, a sensibilidade para com a luz e a sombra, toda a informação (no sentido primitivo) necessária para um poema são grandes inimigos da recuperação do estômago”. Nela consta a famosa despedida, tão lancinante em sua reticência e cortesia: “Custa-me lhe dizer adeus, mesmo numa carta. Minhas reverências sempre foram desajeitadas. Deus o abençoe! John Keats”. Mas as biografias concordam em que, quando escreveu essa carta, Keats tivera uma melhora passageira da tuberculose, que se estendeu por uns dez dias. Visitou a Villa Borghese e passeou pelo Corso. Escutou com prazer Severn tocar Haydn, travessamente atirou o jantar pela janela em protesto contra a má qualidade da comida, e até pensou em iniciar um poema. Se foram escritas cartas nesse período, por que Severn, ou mais provavelmente Brown, teria desejado suprimi-las? Clarissa achava ter encontrado a resposta num par de referências na correspondência trocada entre paren-

tes distantes de Brown nos anos 1840, porém necessitava de mais provas, de fontes diferentes.

“Ele sabia que não voltaria a ver Fanny”, explicou Clarissa. “Escreveu para Brown dizendo que ver o nome dela escrito era mais do que podia suportar. Mas nunca parou de pensar nela. Ele se sentiu suficientemente forte naqueles dias de dezembro e a amava muito. É fácil imaginá-lo escrevendo uma carta que não tencionava enviar nunca.”

Apertei a mão dela e não disse nada. Eu sabia pouco sobre Keats e sua poesia, mas achava que, na situação desesperada em que se encontrava, ele não desejaria escrever a Fanny justamente por amá-la tanto. Ultimamente, me ocorrera que o interesse de Clarissa por essas cartas hipotéticas tinha algo a ver com nosso próprio relacionamento e com sua convicção de ser imperfeito um amor que não se pode expressar numa carta. Nos meses seguintes ao nosso primeiro encontro, antes que comprássemos o apartamento, ela me escrevera belas cartas, apaixonadamente abstratas na exploração das formas em que nosso amor era diferente e superior a todos que jamais existiram. Talvez seja essa a essência de uma carta de amor, a celebração do que é único. Tentei equiparar-me a ela, mas tudo que a sinceridade me permitia eram os fatos, os quais, aliás, pareciam suficientemente miraculosos: uma mulher bonita amava um sujeito grandalhão, desajeitado e em vias de ficar careca, que mal podia acreditar em sua sorte, e queria ser amada por ele.

Paramos para observar o falcão ao nos aproximarmos de Maidensgrove. O balão devia ter cruzado de novo nosso caminho enquanto estávamos dentro dos bosques que cobrem os vales no entorno da reserva natural. No começo da tarde, entramos na trilha de Ridgeway, andando para o norte ao longo da escar-